

A decorative gold border consisting of a vertical line on the left, a horizontal line at the top, and a vertical line on the right, all connected by small horizontal segments at the corners. The word "LITERATURA" is centered within this border.

- LITER*A*TURA

A INSCRIÇÃO DA MEMÓRIA EM CHIZIANE COMO ELEMENTO DE RECOMPOSIÇÃO IDENTITÁRIA

Priscila Fernandes Balsini*
Anne Begenat-Neuschäfer**

Resumo: Neste artigo, desenvolvemos a ideia de que ao lançar luz sobre a ancestralidade africana, no romance *Ventos do Apocalipse*, a escritora moçambicana Paulina Chiziane sai em busca dos elementos constituintes da identidade de seu povo. Privilegiamos não a questão identitária em sua centralidade, mas o caminho para sua recomposição, que, a nosso ver, se dá por meio do retorno e da reflexão memorial. Nesse sentido, acreditamos que a escrita literária irrompe como espaço de resistência, de articulação de novas proposições e de combate ao esfacelamento promovido por guerras e conflitos.

Palavras-chave: Literatura africana. Memória. Identidade.

*Retirado en la paz de estos desiertos, con pocos, pero doctos libros juntos,
vivo en conversación con los difuntos y escucho con mis ojos los muertos*
(Francisco de Quevedo).

■ **O** que fazer quando os defuntos não respondem? Como reverter o mutismo dos ancestrais? Após muitos anos submetido a processos violentos de colonização e de guerras étnicas, tendo sua cultura e tradições esgarçadas pelo agente dominante, o continente africano se depara com um novo desafio: a busca por uma identidade coletiva em meio à globalização. Por identidade coletiva entendemos a reunião dos fatores econômicos, políticos, culturais e religiosos que dão a um povo uma identificação, mas não uma feição única e estática. No caso de um projeto identitário de proporções continentais, é de suma importância considerarmos o fato de que, na África, a

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: priscila.balsini@gmail.com

** (in memoriam). RWVRH Aachen University, Alemanha.

identidade coletiva é composta pela pluralidade de identidades regionais, étnicas e individuais, em concorrência pela soberania.

Para ampliar ainda mais os conflitos, o processo de ocidentalização, antes relacionado diretamente ao colonialismo, agora se apresenta dissimulado no fenômeno da globalização, determinando a internacionalização como condição cabal para o desenvolvimento. Tomando emprestadas as palavras de Édouard Glissant (1981, p. 12), “o Ocidente não está situado no Oeste. O Ocidente não é um lugar, e, sim, um projeto”. Nesse sentido, a consolidação da identidade africana – se é que podemos tratar de uma identidade continental – é primordial para uma reação contra a ordem mundial dominante e o resguardo de um projeto próprio de nação. Mas quais seriam os recursos para a busca e implementação de uma identidade africana? Como engajar e reunir em torno da mesma causa gerações tão desconectadas? Aliás, como retomar a ancestralidade e inseri-la nos tempos modernos? É nesse ponto que acenamos para a noção de direito à memória e ao registro memorialístico. Segundo o historiador Roger Chartier (2011, p. 123), “a história nunca pode esquecer os direitos de uma memória que é uma insurgência contra a falsificação ou a negação do que foi”. O último século, talvez em decorrência das diversas guerras e massacres pelos quais passamos, viu acender a necessidade quase obcecada por “estabelecer a verdade do passado”, como diria a pesquisadora Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 39). Divisamos o estudo do passado como essencial para o entendimento do presente e a construção de futuro de um povo. Quando articuladas, essas dimensões temporais – passado, presente e futuro – têm valência para a reação e afirmação identitária contra aparatos externos de submissão. Para Paul Ricoeur (2000), a chave para o resgate e entendimento do passado estaria na conservação e possibilidade de retorno à memória.

A memória continua sendo a guardiã da última dialética constitutiva da passividade do passado, a saber, a relação entre o “não mais” que assinala seu caráter acabado, abolido, superado, e o “tendo sido” que designa seu caráter originário e, neste sentido, indestrutível (RICOEUR, 2000, p. 648).

É exatamente ao caráter indestrutível do “tendo sido” que a obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane (2010), em especial *Ventos do Apocalipse*, parece aludir. Ao lançar luz sobre a ancestralidade africana, a autora sai em busca dos elementos constituintes da identidade de seu povo. Entre outros, são postos em cena os valores espirituais, comunitários e tradicionais, além da supremacia do coletivo em detrimento do sentido individual inerente à cultura ocidental.

Neste trabalho, privilegiaremos não a questão identitária em sua centralidade, mas o caminho para sua recomposição, que, a nosso ver, se dá em *Ventos do Apocalipse* por meio do retorno e da reflexão memorial. Nesse sentido, acreditamos que a escrita literária irrompe como espaço de resistência, de articulação de novas proposições e de combate ao esfacelamento promovido por tantos conflitos. Porém, mais do que isso, ganha *status* de “testemunho”¹, dialogando e, de certa forma, contribuindo para a formação das novas gerações, impactadas pela fluidez e flutuação das identidades individuais dos tempos líquidos². Para Gagnebin (2006, p. 54), o narrador deveria atuar como um instrumento de transmissão fiel e relação direta com a ancestralidade:

1 Trataremos da questão do testemunho mais adiante, retomando o conceito desenvolvido por Agamben (2008, p. 27) de “testemunho delegado”.

2 Conceito desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007), no livro homônimo *Tempos líquidos*.

O narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Essa tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, numa fidelidade ao passado e aos mortos, mesmo – principalmente – quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido.

Por esse ângulo, Chiziane (2010) transmite às gerações do pós-independência as histórias e experiências vividas por seus ancestrais, remontando o percurso, as raízes africanas, a partir das memórias coletivas.

Verificamos o chamado às novas gerações, ao leitor, para seguir o trajeto da memória, logo no prólogo de *Ventos do Apocalipse*.

*Vinde todos e owi
Vinde todos com as vossas mulheres
e owi a chamada.
Não quereis a nova música de timbila
que me vem do coração?
Gomucomu, 1943 (CHIZIANE, 2010, p. 9).*

Os versos de Gomucomu marcam o pacto estabelecido pela autora com o leitor, a partir da via da oralidade. E o chamado continua.

Escutai os lamentos que me saem da alma. Vinde, sentai-vos no sangue das ervas que escorre pelos montes, vinde, escutai repousando os corpos cansados debaixo da figueira enlutada que derrama lágrimas pelos filhos abortados. Quero contarvos histórias antigas, do presente e do futuro, porque tenho todas as idades e ainda sou mais novo que todos os filhos e netos que hão-de nascer. Eu sou o destino (CHIZIANE, 2010, p. 10, grifo nosso)³.

Chiziane (2010) lança mão da figura do *griot*, o contador e guardião das histórias tradicionais, para atuar como ponte entre as gerações. A preocupação com a transmissão do conhecimento permeia toda a narrativa. Não à toa, a primeira parte do livro tem como epígrafe um provérbio tsonga, em idioma original e traduzido ao português – o que também mostra o hibridismo cultural que referencia a obra da autora, potencializando seu alcance e fala.

*Maxwela ku hanya! U ta sala u psi vona.
(Nascestes tarde! Verás o que eu não vi.)
provérbio tsonga (CHIZIANE, 2010, p. 15).*

Aliás, o uso de provérbios, ditados e mitos são alguns dos procedimentos textuais possivelmente inscritos no romance como marcadores de reconstituição da memória, como veremos adiante.

Mas as histórias contadas por Paulina não são apenas estratégias funcionais voltadas à formação. A autora reconfigura experiências e relatos, adicionando elementos ficcionais e dando um tratamento estético ao conjunto.

Sobre esse aspecto, Chiziane comentou, em entrevista⁴ concedida à autora deste artigo, o seguinte:

3 Como a edição de *Ventos do Apocalipse*, que usamos como base para este trabalho, não possui numeração das páginas, optamos por seguir a ordenação sequencial.

4 A entrevista encontra-se no Anexo deste artigo.

Os meus processos têm a ver com a vivência.

Eu acho que [a memória] é a base. Deixa-me dizer que eu nunca tive inspiração. Por incrível que pareça, nunca tive inspiração, assim do tipo “ah, deixa-me pensar numa ideia para escrever”. Nunca. As histórias vêm ter, isto é, por onde eu vou as histórias fluem. E, às vezes, acontece um fenómeno, não ligo importância nenhuma e, quando dou por mim, é o livro que estou a escrever (BALSINI, 2018, p. 181).

É preciso atentar para o fato de que ao gestar narrativas a partir de suas próprias vivências do “real”, Chiziane dá às histórias o seu olhar, a sua versão. Outro ponto que merece ressalva diz respeito à transposição das questões culturais africanas para a língua portuguesa.

Este é um exercício muito difícil. No fim, eu pelo menos, acabo sendo incompetente, porque existem questões da cultura que dificilmente se podem traduzir para a língua portuguesa. Então, o trabalho de uma escritora como eu é o de uma espécie de tradutora de péssima qualidade, transpondo a cultura do seu povo para a língua portuguesa, decependo, porque a língua portuguesa não tem esse substrato cultural que têm as línguas bantu. Por outro lado, também é uma espécie de traição que eu tenho com o meu povo. Isto é, pego na cultura, na história do meu povo, que não fala português, transporto para a língua portuguesa, ofereço para aqueles que sabem ler, e não devolvo para aqueles que me deram a história. Então, é esse um mundo de conflitos interiores, mas a gente tem que caminhar para algum lugar (BALSINI, 2018, p. 180).

Em ambos os casos, ainda que Chiziane garanta a sobrevivência, o registro e a transmissão das histórias, essas não serão as mesmas de sua origem, tocadas pelo deslocamento no tempo e espaço, e pela tradução limitada pelas barreiras da língua.

Segundo Walter Benjamin (1994, p. 224), “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência”. Guardadas as devidas proporções, acreditamos que o mesmo possa valer para a articulação literária.

ESCRITURA E MEMÓRIA

Em “Memória e identidade social”, Michael Pollak (1992) categoriza os elementos constitutivos da memória em acontecimentos, personagens e lugares. E o sujeito da memória tanto pode ter vivenciado a experiência em questão quanto pode ter absorvido a lembrança de outra pessoa. A classificação de Pollak nos remete aos signos que apontam para as experiências vividas e rememoradas em *Ventos do Apocalipse*.

No romance, Chiziane (2010) utiliza a escritura como testemunho e ressignifica a memória de origem. A autora ainda vai além, na medida em que mimetiza a oralidade, utilizando-a como recurso para o registro de memórias, constituídas e disseminadas, historicamente, de forma oral. Com isso, se reconecta aos mecanismos de transmissão da memória, localizados na origem dos povos, ainda que lhes renove o suporte.

Ao transcrever e moldar os fatos vividos, o escritor age como um elo entre a experiência do real e o leitor, o que lhe confere, de acordo com Agamben (2008, p. 27), a posição de testemunha.

*Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, testis, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (*terstis) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, superstes, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso.*

Nesse sentido, a escritura configura-se como um campo de resistência ao esquecimento imposto pelo discurso histórico. No entanto, Chiziane (2010, p. 93) alerta para o risco de relativizar o esquecimento, colocando-o, inadvertidamente, no lugar de potência e solução.

Ninguém olha para trás, todos desejam esquecer o passado. Tão-pouco olham para a frente. Reina a insegurança, o que haverá à frente? Animais e homens caminham de olhos poisados no chão. A solidez silenciosa da terra é segurança maior, é certeza. A ilusão está à frente, nos caminhos de amanhã.

Em outro trecho do romance, pode-se dizer que a prece por esquecimento é “atendida” com a morte.

Deus. Ajudai-nos a ser bons e a esquecer o passado. Acendei a vossa luz nos corações negros dos homens. Ajudai-nos a ter esperança e a acreditar no futuro.

O povo extasia-se com aquela pose, aquela estatura, aquela beleza e perfeição. O padre é branco, é loiro, é culto, tem olhos azuis, está ao lado da gente, sofrendo o sofrimento da gente e ainda por cima fala na língua da gente! É mesmo representante de Deus, mas não, ele é mesmo Deus, Jesus Cristo desceu às terras do Monte, minha gente!

Mungoni, o célebre adivinho, não fecha os olhos. Olha para o padre, para os presentes, e um sentimento estranho apunhala-lhe o peito. Recorda Mananga e a farsa do Sianga. Chora. Os dias não são iguais, os homens também não. Levanta os olhos para a natureza e contempla o Sol. Aquela mancha maldita cresce, cresce na velocidade da tempestade. A mensagem do Céu deixa-o de semblante carregado.

De todos os lados surgem homens trajados de verde camuflado, de armas em punho ostentando nos rostos o sorriso da morte. Ouve-se um violento estrondo acompanhado de uma saraivada de balas que se abatem sobre as cabeças que dispersam procurando abrigo (CHIZIANE, 2010, p. 168-170).

Sobre a luta travada contra o esquecimento, Gagnebin (2006, p. 45) é enfática:

Túmulo e palavra se revezam nesse trabalho de memória que, justamente por se fundar na luta contra o esquecimento, é também o reconhecimento implícito da força deste último: o reconhecimento do poder da morte. O fato da palavra grega sêma significar, ao mesmo tempo, túmulo e signo é um indício evidente de que todo o trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação é também um trabalho de luto. E que as inscrições funerárias estejam entre os primeiros rastros de signos escritos confirmam-no, igualmente, quão inseparáveis são memória, escrita e morte.

Para Chiziane, a força da narrativa literária é tamanha, que teria, inclusive, o poder de transformar as pessoas (BALSINI, 2018).

A literatura, mesmo que a gente não queira, é um instrumento muito poderoso, que atua na consciência das pessoas. Daí a responsabilidade de quem escreve. O que eu tenho que escrever? Como devo escrever? Que tipo de mensagem eu quero traduzir? (BALSINI, 2018, p. 182).

Junto com a consciência do impacto da narrativa no leitor surge a preocupação quanto à responsabilidade sobre a mensagem veiculada. Talvez, por isso, exista uma tensão entre memória e história na trama de Chiziane. Para Glissant (2005, p. 48-49), essa tensão precisa ser equalizada pelo escritor/poeta na própria obra literária.

[Os escritores] necessitam enfrentar duas problemáticas que estão interligadas: a primeira é a expressão de sua comunidade dentro de uma relação com a totalidade-mundo, e a segunda é a expressão de sua comunidade dentro de uma busca de absoluto, ou de escrita e de oralidade, ao mesmo tempo. O poeta necessita realizar a síntese de tudo isso, e é o que considero como exaltante e complexo no panorama atual das línguas e das literaturas do mundo.

VENTOS EXISTENCIAIS

De acordo com nossa hipótese, Paulina Chiziane articula a trajetória dos refugiados de guerra de seu romance junto com sua busca por um novo conceito de identidade abrangente. Ela propõe uma viagem memorial às origens, à história, à cultura, aos mitos africanos, materializados a partir do suporte do colonizador: a língua, o discurso, a técnica.

Ao “ocidentalizar” a memória por meio do registro escrito, a autora acaba por conferir reconhecimento literário à tradição oral africana, historicamente inferiorizada e marginalizada. Para Chaves (2009, p. 61),

As narrativas de nação nos países africanos de língua portuguesa têm cumprido uma importante missão: trazer as minorias, os marginalizados, os silenciados, os exilados das práticas e dos discursos nacionalistas para o centro de suas narrativas de nação.

Não obstante, é preciso ressaltar que Chiziane não vislumbra o drama africano de forma isolada. E, talvez, justamente, um dos fatores que acenam para o valor estético da obra esteja na universalização dos temas existenciais imemoriais apresentados.

A autora trata, ainda, de questões dicotômicas que atravessam a história humana – o local e o nacional, a tradição e a modernidade, o perene e o transitório –, sem se abster de seu lugar original de fala, como *testemunha* africana. Com relação a esse ponto, Zumthor (2010, p. 83) diz que “a voz, quando a percebemos, estabelece uma relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito”.

Por vezes, a narrativa aborda o contrário, a necessidade de calar ou a impossibilidade de falar, o interdito. No romance, encontramos passagens que aludem ao mutismo.

Linguagem de ausência. É a solidão dialogando com a consciência. E as palavras carregadas de fel encravam-se no peito como um rosário de espinhos nas feridas do coração jamais cicatrizadas. Sianga fora apanhado de surpresa. Quando os mudos falam, é chegada a hora fatal, é mau agouro. A língua da ovelha afila-se como a da serpente, revolteando a turbulência do passado. O que virá depois? (CHIZIANE, 2010, p. 19).

Quando passeia nos carreiros, muitas vezes esconde-se nos arbustos para evitar o cumprimento de qualquer viandante. Parece mudo. Responde sempre com meias palavras e de cabeça baixa. Da sua boca nunca se ouviu injúria, um queixume de fome, de sede ou de qualquer outra coisa (CHIZIANE, 2010, p. 23).

É uma cerimônia sublime, a solenidade existente dispensa todos os artifícios. Os lábios mais se cerram à medida que os covais são cheios de areia. Morrem as vozes carpidas, morrem os murmúrios. As lágrimas secam das fontes e os rostos desencantados desenham preces de silêncio (CHIZIANE, 2010, p. 88).

Move os lábios num balbucio suave que o vento arrasta até ao coração do universo e suspira: como seria bom esquecer para sempre as amarguras passadas (CHIZIANE, 2010, p. 140).

Na narrativa, mutismo e esquecimento parecem se entrecruzar como signos de mau agouro, desalento e medo. A crueza e violência das relações e das descrições das cenas são inerentes às memórias que se deseja transmitir e em nenhum momento nos parecem utilizadas arbitrariamente. A partir desse ponto de vista, o próprio massacre perpetrado aos habitantes de Mananga serve de “isca” para uma reflexão acerca do esfacelamento das tradições, ancestralidade e memórias.

ESTRATÉGIAS TEXTUAIS

A fim de testar nossa hipótese de que Chiziane utiliza a memória como instrumento para uma possível recomposição identitária africana, saímos em busca de traços das estratégias narrativas inscritas no romance, que giram em torno do tema memória. Para isso, mapeamos o que consideramos como os principais marcadores de memória, que apresentaremos na sequência⁵.

• Antepassados

Chiziane estabelece um diálogo das personagens com a memória ancestral, com tonalidades e em momentos diversos. No primeiro exemplo que tomamos emprestado ao texto, a personagem masculina alude à voz ancestral com o intento de justificar sua ação e de obter privilégios.

– Sim, já vou!

A mulher, espantada, perguntou ao marido com quem falava.

– Não ouviste, mulher, não ouviste? É uma voz que me chama do além, é a voz dos antepassados (CHIZIANE, 2010, p. 11).

No segundo exemplo, Sianga, régulo e autoridade tradicional de sua comunidade, apela à misericórdia dos “defuntos” em plena madrugada, rogando que esses lhe falem.

A voz de Sianga escuta-se forte, numa prece desesperada.

– Gugudja, gugudja Mambo, ndirikuza!

Sianga dialoga cos os defuntos. Faz oferendas para acalmar a sua fúria. Enquanto fala, vai espalhando sobre o chão o milho, a mapira e uma boa porção de rapé e aguardente. A voz vai ganhando maior êxtase.

⁵ Optamos por agrupar os marcadores por temas e por apresentá-los em ordem alfabética, uma vez que não divisamos a necessidade, para este estudo, de uma hierarquia da informação.

– *Escutai defuntos, amparai defuntos, abri as vossas portas para o filho que sofre, dizei-me alguma coisa, aguardo a vossa mensagem, gugudja, ndirikuza Mambo, ndirikuza!* (CHIZIANE, 2010, p. 16).

• Língua

Ao longo da narrativa, Chiziane tanto utiliza expressões da língua nativa quanto estabelece um cruzamento entre a língua portuguesa e a nativa, dando origem a frases híbridas – que, talvez, possam ser examinadas como parte de uma proposta identitária contemporânea, mescla das duas culturas. No final do romance, a autora ainda disponibiliza um glossário com a tradução para o português de todas as palavras citadas em língua nativa⁶.

Exemplo 1: expressões de língua nativa

KARINGANA WA KARINGANA (CHIZIANE, 2010, p. 10).

A siku ni siko li psa lona.

(Cada dia tem a sua história.)

canção popular changane (CHIZIANE, 2010, p. 90).

Exemplo 2: cruzamento entre língua portuguesa e nativa

Pela primeira vez se sente mulher do seu senhor, awêêê!...

(CHIZIANE, 2010, p. 21).

– *Sim, eu serei a tua mulher. Com lobolo ou sem lobolo, eu serei a tua mulher* (CHIZIANE, 2010, p. 27).

Os cavaleiros são dois, são três, são quatro. São os quatro cavaleiros do Apocalipse, maiwêê! (CHIZIANE, 2010, p. 29).

• Narrador griot

Para os africanos, o *griot* é o guardião da memória viva do passado. Ao iniciar a narrativa com a contação do *griot*, Chiziane deixa entrever a importância desse bastião da cultura tradicional e demarca sua opção pela oralidade.

Quero contarvos histórias antigas, do presente e do futuro, porque tenho todas as idades e ainda sou mais novo que todos os filhos e netos que hão de nascer. Eu sou o destino

Ao anoitecer, enquanto os mais velhos se requebram na chigombela, deliciar-nos-emos com o contador de histórias, dando tempo para que os papás se amem e nos brindem com um novo irmãozinho na próxima estação (CHIZIANE, 2010, p. 10).

• Oralidade

Em *Ventos do apocalipse*, a autora mimetiza a oralidade, imprimindo-a ao registro escrito. Os traços da tradição oral podem ser percebidos por meio da

⁶ O mesmo recurso é utilizado em outros livros da autora, como no caso de *Niketche: uma história de poligamia*, publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras.

escolha de um narrador *griot*, da alternância do foco narrativo, do uso de expressões da ordem da oralidade e também pelo recurso de transmissão das memórias.

Ainda hoje, nos limites do velho Império de Gaza, ouve-se das bocas já desdentadas a história da Massupai, a negra sereia das terras chopes (CHIZIANE, 2010, p. 13).

Dizem que um dia, os malvados filhos da tia Mafuni fizeram desaparecer uma galinha que chocava, e todos os ovos. Levaram para o mato, esfolaram, assaram e comeram (CHIZIANE, 2010, p. 23).

Não há dúvidas de que as palavras estão gastas, lá isso estão. Os homens devem esgaravatar a língua de modo a encontrarem maneiras de chamar as coisas pelos seus verdadeiros nomes (CHIZIANE, 2010, p. 31).

• Polifonia

Ao logo da trama, Chiziane alterna o foco narrativo, trazendo para o texto a pluralidade de vozes da África e um legado cultural baseado no coletivo.

A xipalapala soou, mamã, eu vou ouvir as histórias, eu vou. O culunguana ouviu-se do lado de lá, chegou a hora, mãe, conta-me aquela história do coelho e da rã (CHIZIANE, 2010, p. 10).

Há muitas gerações passadas, os homens obedeciam às leis da tribo, os reis tinham poderes sobre as nuvens, o negro dialogava com os deuses da chuva, e Mananga era terra de paraíso. O verde dos campos era exagerado, e as águas desprendiam-se por todas as ravinas (CHIZIANE, 2010, p. 10).

• Provérbios e ditados

Esses recursos são inseridos na narrativa em momentos de sinalização dos rumos da trama, de convocação do leitor e das personagens, e de reforço da memória tradicional. Na primeira parte do livro, a personagem chega a mencionar a “função” dos provérbios e ditados.

“Mata, que amanhã faremos outro”. Este é o ditado dos tempos do velho Império de Gaza, que se tornou célebre, sobrevivendo muitos sóis e muitas luas e, como o grão, semeado de boca em boca, até aos nossos dias (CHIZIANE, 2010, p. 12).

Todos os ditados e provérbios exaltam a generosidade da nossa terra, como uma religião, um ritual de virtudes legadas pelos antepassados. Onde é que se perdeu toda esta bondade e fraternidade? (CHIZIANE, 2010, p. 26).

• Memória individual e coletiva

A autora dispõe de memórias e destinos individuais e coletivos, costurando-os de forma a mostrar que estão intrinsecamente interligados no processo de formação e na existência de indivíduos e comunidades.

Abre a mão e aproxima-a da vista cansada. Observa as linhas do destino para confirmar pela milésima vez a sua sina. A linha da vida é um sulco forte, quase

que dividindo a mão em duas partes. A linha da sorte é vincada apenas no ponto de partida e vai morrendo aos poucos, desaparece, para voltar a surgir ainda mais forte que nos pontos anteriores. Sim, a minha sorte será maior no fim da caminhada. É bem verdade que voltarei a ser o que sempre fui e ainda maior, aqui está dito. Foi tudo escrito antes do meu nascimento – pensa Sianga (CHIZIANE, 2010, p. 39).

Mas o povo diz que os corvos não se comem porque cheiram mal e dão muito azar (CHIZIANE, 2010, p. 17).

• Mitologia africana

Chiziane insere mitos africanos na trama, dando ensejo aos acontecimentos e reviravoltas da história, assim como promovendo reflexão. Dessa maneira, resgata e revivifica os mitos, obscurecidos globalmente pela forte penetração da mitologia grega, base da cultura ocidental.

Há muitas gerações passadas, os homens obedeciam às leis da tribo, os reis tinham poderes sobre as nuvens, o negro dialogava com os deuses da chuva, e Mananga era terra de paraíso. O verde dos campos era exagerado, e as águas desprendiam-se por todas as ravinas (CHIZIANE, 2010, p. 10).

A terra abre violentas fendas ávidas de água. Será necessário desabar o céu inteiro para dar de beber à terra e aos homens com ela. Se isto continua assim morrerá o último homem e a última mulher, predigo eu – pensa Minosse –, aí Deus vai aprender a lição. Terá a grande maçada de recriar de novo o Licalaumba e a sua companheira Nsilambo mas, antes disso, será necessário reinventar a paisagem original, trabalho que ele pode evitar enviando alguns grãozinhos de chuva (CHIZIANE, 2010, p. 20).

• Saudade

Ao mesmo tempo em que se refere à tradição e à memória ancestral, Chiziane adverte sobre uma falsa saudade da África pré-colonial e problematiza a questão.

A minha boca transpira agruras, frustrações. Sabes bem que não consigo conciliar o passado e o presente. Fui árvore, fui flor e régulo desta terra. Agora não sou mais do que um ramo seco ou fruta podre. Já não sou nada nem ninguém, minha querida esposa (CHIZIANE, 2010, p. 20).

Quando Sianga ascendeu à posição de régulo, chamou-os ao seu reino. Que maior recompensa poderia dar aos seus compinchas senão nomeá-los ministros da sua corte? Quando os ventos da independência chegaram, juntos foram escoraçados, a vida fez o seu nó, unindo-os eternamente na alegria e na dor (CHIZIANE, 2010, p. 30).

Sopram ventos de novas mudanças e tudo voltará a ser como antes (CHIZIANE, 2010, p. 30).

O sussurro das árvores a balançar é uma prova indiscutível da eternidade do vento. A velha readormece, finalmente embalada pelo canto suave do mundo. E repousa. E tem sonhos bonitos, sonhos de saudades. Desperta satisfeita antes do cântico dos galos (CHIZIANE, 2010, p. 131).

• Sonhos

Os sonhos atuam na trama como pórticos, elementos mágicos de aviso, premonição e diálogo com os antepassados. Neste ponto, não só exemplificaremos com um dos trechos da narrativa, como cruzaremos ficção e realidade, trazendo à tona um recorte da entrevista de Chiziane (BALSINI, 2018, no anexo deste artigo), em que ela conta a conversa que entabulou com a personagem Sianga, em sonho.

– Que noite! Que pesadelos terríveis! Os sonhos malditos são o presságio dos dias de amargura, isso são. Morre o fogo, morre o fumo, a vida é apenas cinza e pouco falta para que dela não reste um pedaço de pó. Que noites as minhas! (CHIZIANE, 2010, p. 16).

[Em Ventos do Apocalipse] Há um senhor chamado Sianga. Até então, eu não gostava dessa personagem. Construí a personagem assim muito velha, muito má e muito agressiva. Construí e depois fui dormir. Eu acho que dois dias depois, aparece-me um senhor no sonho, todo muito bem-posto e diz “Paulina, por que me escreves assim dessa maneira? Será que sou assim tão mal?”. E eu perguntei, “mas quem é o senhor?”. E ele diz “sou Sianga”, e sorri. Despertei de repente. Peguei em mim, voltei atrás, e vi que realmente o texto não estava bem. Eu precisava de um personagem mal, mas não podia ser absolutamente mal, podia ser sedutor, bonito e mal, mas ele era mal em tudo, tudo, tudo. Olha, a partir daí, eu refiz o personagem e o trabalho correu melhor. Mas, de pronto, eu não sei que fenômeno é esse. Eu acho que era o meu subconsciente dialogando comigo. Não sei... (BALSINI, 2018, p. 181-182, entrevista no Anexo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os traços mapeados nos levam a pensar que Chiziane reafirma o tempo todo “as marcas da origem”, conseguindo a proeza de mantê-las vivas no registro escritural.

No âmbito da oralidade, o texto inclui naturalmente o sujeito da enunciação sem o qual a comunicação não se efetiva. Migrando para a página impressa, aparentemente apagam-se as marcas da origem, o que sugere a ilusão de que o texto é autônomo, suposição falaciosa, como se verifica (ZILBERMAN, 2011, p. 143).

Esse retorno à oralidade e à ancestralidade pontua o romance de forma crítica, como se a autora buscasse, realmente, uma terceira via, um caminho possível de reconfiguração da identidade, a partir do resgate e resignificação da tradição em diálogo com a perspectiva contemporânea.

Tomando por base a entrevista com Chiziane, observamos que sua experiência do real é transmutada em ficção, de acordo com o que ela vai chamar em algumas passagens de “mundo interior”. A partir do pensamento de Paul Ricoeur (2000), de que “a ficção remodela a experiência do leitor”, temos um processo de transposição e de entrecruzamento de experiências, que parte da transmissão narrativa. Ao rememorar o passado, ao revivificá-lo em sua ficção, a escritora tem uma valência de ação sobre o presente.

No entanto, é preciso ressaltar que o romance traz uma “versão” da história e da memória ancestral própria de Paulina Chiziane. Para Luiz Costa Lima (1986, p. 203), “as memórias apresentam uma verdade personalizada da história”.

Mas Chiziane não sacraliza a memória ou a coloca no lugar do idílico. A autora encara-a com crueza poética e a problematiza à luz das inúmeras transformações modernas. Com isso, não só cria uma terceira via, mas também oferece material para a reflexão e recomposição da identidade africana.

[...] *funcionamos sempre segundo o antigo modelo, e então repito a mim mesmo que, se eu for ao encontro do outro, perco-me de mim! Ora, no atual panorama do mundo uma questão importante se apresenta: como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, e como abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo?* (GLISSANT, 2005, p. 28).

Parece-nos que Chiziane vai ao encontro do outro, de maneira generosa e aberta, sem medo de “perder-se de si”.

THE INSCRIPTION OF THE MEMORY IN CHIZIANE AS AN ELEMENT OF IDENTITY RESTORATION

Abstract: In this article, we discuss the idea that by shedding light on the African ancestry, in the novel *Ventos do Apocalipse*, the Mozambican writer, Paulina Chiziane, goes in search of constituent elements of the identity of her people. We privilege, not the identity question in its centrality, but the way to its recomposition, which, in our view, occurs through the return and the memorial reflection. In this sense, we believe that literary writing erupts as a space of resistance, of articulation of new propositions and of the struggle against the overthrow promoted by wars and conflicts.

Keywords: African literature. Memory. Identity.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLECUA, J. M. *Francisco de Quevedo*. Obra poética. Barcelona: Editorial Castalia, 1999. Tomo I, p. 253-254.
- CHARTIER, R. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: ROCHA, J. C. C. (Org.). *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.
- CHAVES, A. L. As margens da nação moderna, em *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane. *Cadernos Cespuc*, Minas Gerais, n. 18, p. 60-71, 2009.
- CHIZIANE, P. *Ventos do Apocalipse*. Maputo: Sociedade Editorial Ndjira, 2010.
- COSTA LIMA, L. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- GAGNEBIN, J.-M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GLISSANT, E. *Les discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2015, 1992.

RICOUER, P. *La memoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

ZILBERMAN, R. Leitura e materialidade da história da literatura. In: ROCHA, J. C. C. (Org.). *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Tradução Jerusa Pires, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANEXO

Entrevista realizada com a escritora Paulina Chiziane, em São Paulo, em agosto de 2016.

Por que escrever?

Paulina Chiziane – Por que escrever? Porque escrever é um espaço de liberdade. É um espaço em que uma mulher pode falar consigo própria, e pode falar de si sem banalidades. E foi assim que comecei as minhas fantasias de infância, os meus dilemas de mulher adulta, e o sonho que gostaria de construir. E eu sabia, logo à partida, que não teria ninguém para me escutar, porque uma mulher não pode falar, ou, se falar, tem que dizer aquelas coisas que a sociedade quer. Então, é daí que vem a minha rebeldia. Falo bonito para o mundo, mas quando estou comigo própria, vou escrevendo o que me dói, o que eu gosto, o que sonho. E isso começou na infância. Muito menina, mesmo. É uma paranoia, não sei explicar. Mas eu sempre gostei de ter um lápis na mão e um papel para rabiscar. Primeiro foram os desenhos, depois foram as palavras. Os mundos foram sendo construídos assim, desta maneira.

Como foi iniciar essa trajetória em meio aos impedimentos de uma cultura patriarcal?

Paulina Chiziane – Como eu publico? Essa é que é a parte mais interessante. Nunca tive intenções de publicar. Ia fazendo os meus rabiscos, como que aguardando. Mas comecei a ver que os livros que eram aplaudidos e reconhecidos como livros bons, eram de jovencinhos homens. E eu quando os lia, dizia “não, eu sou melhor do que isso, então, também posso publicar”. Tive muita guerra para publicar. “O que? Uma mulher quer publicar? Como?”. Mas eu estava segura, lia tudo o que se publicava, comparava com o que eu fazia, e dizia “parece que eu sou melhor”. Isso me deu força para ir em frente. E houve guerras mesmo para publicar, porque a sociedade não estava preparada para ter uma mulher como eu.

Ainda não havia uma cultura de publicação de textos escritos por mulheres?

Paulina Chiziane – Por razões históricas, a publicação de mulheres, em Moçambique, foi quase hierarquizada. Primeiro, foram as mulheres brancas, que tinham

mais acesso à educação. Depois, vieram as mulheres mestiças. E, mais tarde, começaram a vir as negras. As primeiras escreviam contos, escreviam poemas. Então, eu apareço com uma história maior. Só mais tarde, vim a saber que era um romance, porque eu nem tinha noção daquilo que estava a fazer. Então, apareço como a primeira mulher produzindo um romance em Moçambique.

E como foi a recepção dessa obra?

Paulina Chiziane – Olha, foram dois mundos distintos. No mundo erudito, os donos do conhecimento tiveram a pior reação que se pode ter. Foi horrível. Mas, ao mesmo tempo, com o povo, o leitor comum, foi a maior recepção. Eu vivi entre dois mundos. Aconteceu-me até uma coisa muito interessante. As senhoras do mercadinho perto da minha casa, no dia seguinte ao lançamento do livro ofereceram-me um bolo enorme. Ninguém as convidou, mas fizeram um bolo e, de repente, irromperam para dentro de casa para celebrar, porque elas não sabiam nem ler nem escrever. A única coisa que elas sabiam era que havia um livro importante, chamado Bíblia, que não sabiam quem escreveu; e que existiam outros livros importantes, que os filhos usavam na escola, mas que também não sabiam quem escreveu. “Afinal, uma mulher, e ainda por cima nossa vizinha, pode escrever um livro? Ah, merece um bolo”. Foi a maior prenda que eu recebi na vida. Então, eu recebo este carinho do povo comum, que nem sabem ler, e os donos do saber começam, a essa altura, a criar barreiras. Mas eu estava segura, porque a reação do público comum era tão forte que me dava força. E eu dizia para mim, “bem, se não me compreendem hoje, um dia vão me compreender”.

Qual a sua relação com a língua portuguesa? Como se deu o processo de transpor questões culturais para o português?

Paulina Chiziane – Este é um exercício muito difícil. No fim, eu pelo menos, acabo sendo incompetente, porque existem questões da cultura que dificilmente se podem traduzir para a língua portuguesa. Então, o trabalho de uma escritora como eu é o de uma espécie de tradutora de péssima qualidade, transpondo a cultura do seu povo para a língua portuguesa, decependo, porque a língua portuguesa não tem esse substrato cultural que têm as línguas bantu. Por outro lado, também é uma espécie de traição que eu tenho com o meu povo. Isto é, pego na cultura, na história do meu povo, que não fala português, transporto para a língua portuguesa, ofereço para aqueles que sabem ler, e não devolvo para aqueles que me deram a história. Então, é esse um mundo de conflitos interiores, mas a gente tem que caminhar para algum lugar.

Mas a senhora está recolhendo e registrando essas tradições...

Paulina Chiziane – Sim, sem dúvida. O livro *Niketche: uma história da poligamia* é um pouco disso também. São várias mulheres, de diferentes partes de Moçambique, cada uma com a sua tradição, com a sua visão de mundo e das relações de gênero. Fiz uma recolha das diferentes partes, processei e transformei num livro. E, por sorte, este é um livro que, no meu país, circula, não tem barreiras, não tem fronteiras. As mulheres do Sul se sentem identificadas, as mulheres do Norte e as mulheres do Centro também. Elas, no princípio, discordam, mas chega um momento em que se entendem e riem-se das crenças, dos modos de vidas, das maneiras de pensar umas das outras, e depois acabam todas amigas.

Qual a importância da memória para a sua escritura – seja individual ou coletiva?

Paulina Chiziane – Eu acho que é a base. Deixa-me dizer que eu nunca tive inspiração. Por incrível que pareça, nunca tive inspiração, assim do tipo “ah, deixa-me pensar numa ideia para escrever”. Nunca. As histórias vêm ter, isto é, por onde eu vou as histórias fluem. E, às vezes, acontece um fenômeno, não ligo importância nenhuma e, quando dou por mim, é o livro que estou a escrever. Por exemplo, este livro sobre a história da poligamia, foi tão simples como isto.

Como lhe ocorreu a história?

Paulina Chiziane – Estava sentada na minha varanda numa tarde quente, acabava de voltar do trabalho e, de repente, vejo uma bagunça ali na rua. Três mulheres. “O que é que há?”. Uma delas tinha uma criança pequena. “O que se passa?”. Fiquei atenta para ouvir o que era. Acusavam-se uma a outra e mandavam-se bocas sexuais. Cada uma dizia que o seu sexo era melhor por isto, por aquilo, e eu não estava percebendo muito bem o que era. Então, um dos vizinhos ligou para o marido da senhora que estava com a criança, a dizer “a sua esposa está sendo agredida por outras duas senhoras, que não sabemos quem são”. O homem vem a correr. Quando chega, olha para as três, mete as mãos nos bolsos e escapole-se. Mais tarde, viemos a saber que eram as concubinas dele. Aquilo foi uma confusão muito grande. Pronto a confusão acabou, no dia seguinte, fui ter com a senhora que tinha o bebê, para procurar saber o que se passava. Ela chorava, chorava, chorava. Aconselhei na medida do possível. Mais tarde, quis saber do marido o que tinha acontecido. Ele contou a melhor história do mundo. Não sei porque, fui andando, fui me enrolando naquela história, mas não liguei absolutamente nenhum interesse literário. Eu estava ali porque eles eram meus vizinhos, meus amigos, então, era normal que eu me interessasse. Passaram-se dias ou meses e, cada vez que eu dormia, ou ia dormir, ou despertava, lembrava-me das falas delas, das outras que pareciam mulheres da rua. Eu ria, eu ria. Havia uma que até levantava a saia. “Vejam meu sexo como ele é! Esse homem que diz ser seu marido também é meu! Gosta mais disso do que disso aí!”. Às vezes, acordava com aquilo na cabeça, ria-me. Enervava-me e ria-me ao mesmo tempo. Olha, não sei como, dei por mim a começar a fazer o registro das bocas sujas e, quando eu vi, o livro já estava a andar. Então, não pensei na história, ela aconteceu.

Mas o seu processo criativo tem relação com os sonhos?

Paulina Chiziane – Não. Os meus processos têm a ver com a vivência. Esse caso é um caso real, concreto. Quando o livro saiu eu fui oferecer ao casal. O homem só diz: “Ai, Paulina, por que não me disseste que estava a me fazer perguntas para depois escrever?”. Mas ele adorou a história, porque, no fundo, são outros nomes, outros lugares. A senhora disse: “É isso mesmo. Qualquer dia, eu vou te fazer o mesmo”. Então, não tem muito a ver com sonho, mas já tive situações destas quando estava a escrever *Ventos do Apocalipse*.

A senhora poderia nos contar o episódio?

Paulina Chiziane – Há um senhor chamado Sianga. Até então, eu não gostava dessa personagem. Construí a personagem assim muito velha, muito má e muito

agressiva. Construí e depois fui dormir. Eu acho que dois dias depois, aparece-me um senhor no sonho, todo muito bem-posto e diz “Paulina, por que me escreves assim dessa maneira? Será que sou assim tão mal?”. E eu perguntei, “mas quem é o senhor?”. E ele diz “sou Sianga”, e sorri. Despertei de repente. Peguei em mim, voltei atrás, e vi que realmente o texto não estava bem. Eu precisava de um personagem mal, mas não podia ser absolutamente mal, podia ser sedutor, bonito e mal, mas ele era mal em tudo, tudo, tudo. Olha, a partir daí, eu refiz o personagem e o trabalho correu melhor. Mas, de pronto, eu não sei que fenômeno é esse. Eu acho que era o meu subconsciente dialogando comigo. Não sei...

A senhora acha que a literatura pode contribuir para a transformação das pessoas?

Paulina Chiziane – Eu tenho a certeza, não tenho dúvida. Mas eu tinha dúvidas. A literatura, mesmo que a gente não queira, é um instrumento muito poderoso, que atua na consciência das pessoas. Daí a responsabilidade de quem escreve. O que eu tenho que escrever? Como devo escrever? Que tipo de mensagem eu quero traduzir?

A sua literatura empodera as mulheres?

Paulina Chiziane – Algumas vezes, sem querer, acontecia-me muito de escrever o mundo com a visão do mundo e a linguagem masculina. Eu nunca tinha percebido isto. Aprendi a escrever, a ler e a expressar-me em livros que eu considerava universais. Mas foi preciso estar na Alemanha, numa conferência, em que uma professora começa a chamar-me a atenção a estes. “Paulina, tu estás a usar a linguagem masculina ou o imaginário masculino para descrever as mulheres, e isso é preciso resolver”. Vou dar um exemplo. Descrevo uma mulher e digo “ela é bela, estava bem-vestida, tinha o corpo torneado”. Estou a descrever, mas esta é a imagem do homem, porque o homem vê na mulher o objeto, o belo e os contornos, mais nada. E o essencial não é o exterior, é o interior. É preciso dizer o que ela pensa, o que ela sonha, a força que tem, o que pode construir ou o que já construiu. De certa maneira, sem perceber, eu até consegui falar das mulheres nesse sentido. Portanto, fazia a imagem masculina do belo e depois penetrava no mundo interior dela. E, a partir do momento em que me chamam a atenção, eu agora sempre penso como é que vou descrever a minha personagem.

E isso acontece em que momento, com que livro?

Paulina Chiziane – Não me recordo. Mas foi logo no princípio da minha carreira. Acho que já tinha feito o segundo livro, acho que já tinha dois ou três livros. Mas não me recordo. Então, agora, não digo que sou competente, mas que sou consciente. As mulheres que escrevem não podem cair nessa armadilha. Por exemplo, num modelo masculino, o homem descreve com muito prazer as partes mais apetitosas da mulher e faz, assim, um elogio, um hino. Mas se for uma mulher a fazer isso – nunca vi, não sei se há –, mas se for uma mulher a fazer o mesmo, o que a sociedade vai dizer: “Sem moralidade. Uma mulher bem educada não diz essas coisas. Olha que isso é palavrão”. Enfim, esse tipo de conversa.

Nesse sentido, podemos dizer que existe uma literatura feminina?

Paulina Chiziane – Para mim, existe uma literatura feminina nesse sentido: a mulher porque é mulher tem que fazer diferença. Por que eu tenho que fazer um

elogio às minhas próprias curvas? Se eu sei o que sou, sei o que quero e sei onde quero chegar. É preciso empoderar o imaginário das mulheres com histórias e descrições que sejam femininas, que sejam masculinas, mas não ficarmos presas no modelo masculino que copiamos e reproduzimos sem nos aperceber.

Qual é o cenário da literatura em Moçambique?

Paulina Chiziane – Não posso dizer que é bom, porque não é, sem dúvida. Mas ultrapassamos a etapa da primeira pedra. Porque nós, essa minha geração – eu, Mia Couto, Ungulani Ba Ka Kosa –, somos aqueles que fizeram a primeira pedra. Agora, falta vir o edifício. Há muita proposta de gente boa que está a vir. Gente nova e gente mais adulta também, que já começa a despontar para o mundo da literatura. Mas, como todas as coisas, leva-se um tempo.

E existem outras mulheres despontando na literatura moçambicana contemporânea?

Paulina Chiziane – Existem várias. Mas aí está: são várias, porém muito jovens. O que acontece sempre com a mulher é isso: quando está no secundário, na universidade, sonha; depois, vem o casamento e os filhos e, só mais tarde, é que retoma [seu projeto]. E os homens, porque não têm essa sobrecarga, vão caminhando. Há, por exemplo, uma senhora da minha geração, que agora está a se afirmar na literatura infantil, Fátima Langa, que já esteve várias vezes no Brasil.

Recebido em dezembro de 2017.

Aprovado em março de 2018.